

# O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I. ANNO.

1.º de Novembro de 1862.

IV.

## SUMMARIO.

NÃO ME CHEIRA, por F. X. de Novaes . . . . .	pag. 109	CHRONICA DA LITTERATURA PORTUGUEZA, por J. D. Ra- malho Ortigão . . . . .	pag. 118
CONHECIMENTOS UTEIS, por Ca- millo Castello-Branco.	pag. 119	O PAIZ DAS CHIMERAS, por Mä- chado de Assis . . . . .	pag. 126
		CHRONICA, por Sotero de Castro	pag. 139

RIO DE JANEIRO

Typ DE BRITO & BRAGA, TRAVESSA DO OUVIDOR N. 17.







*Estão me chorando!*

## NÃO ME CHEIRA.

Que tolo sou! Lá na roça  
Corre o carro mais direito :  
No bom socego da choça,  
Com amigos cá do peito,  
Ouve a gente muitas petas,  
Lê muitas mais nas gazetas,  
E assim foge a vida inteira  
Na santa paz da amizade :  
— Este viver da cidade  
    Não me cheira.

Trazem balões enfunados  
Virgens, casadas, viúvas,  
E os antipodas, pasmados,  
Cuidam que são guarda-chuvas ;  
E nestas estreitas ruas,  
A fugir do taes faluas,  
Nem das cazas na soleira  
Ficam salvas as canellas :  
— Vêl-as assim, todas ellas,  
    Não me cheira.

Estes casquilhos de agora,  
 Nem de pintal-os me incumbo ;  
 Que eu nunca vi, lá por fóra,  
 Destes soldados de chumbo :  
 Teem anzoos no bigodinho,  
 E abrem comprido caminho  
 Na sebenta cabelleira,  
 Bem mais pesada que o centro :  
 — Se o que é por fóra é por dentro,  
 Não me cheira.

O narizinho, opprimido  
 Na tenaz envidraçada,  
 Deixa o canal impedido,  
 Lá de cima... não vem nada :  
 Se fallam... ai... que tontice !...  
 Em francez, tanta sandice ! —  
 Em portuguez, tanta asneira !..  
 Sempre a grammatica inversa !..  
 Nada... nada... esta conversa  
 Não me cheira.

E o laço do matrimonio,  
 De que modo aqui se aperta !  
 Não é Deus, é o demonio  
 Quem taes enlaces concerta ;  
 E ha certos paes — que tratantes ! —  
 Que em tudo negociantes,  
 Vão pôr a preço na feira  
 As filhas !... Que desaforo ! —  
 — Casamento sem namoro  
 Não me cheira.

Casam com velhos, mocinhas  
 Que são dos moços encanto ;  
 E, depois, nas creancinhas  
 As feições variam tanto !...  
 Ha, mais tarde, arrependidas,  
 Tantas virtudes perdidas,  
 Tanto quem achal-as queira  
 Se um dia chega a desgraça !...  
 — Levar as filhas á praça  
 Não me cheira.

E os velhos, pintada a cara  
 Como os pêllos do touço,  
 Aguçando a voz de arara,  
 Com seu coração postiço!...  
 São do meu tempo, citados;  
 Mas tezos, e envernizados,  
 Já cegos como a toupeira,  
 Inda prestam culto ao vicio!  
 — Vêl-os fóra de um hospicio,  
 Não me cheira.

Pois o jornalismo! — Arreda!  
 Que nesse abysmo profundo  
 Tem todos a sua queda,  
 Lá se enterra todo o mundo:  
 E esse — *Anonymo* — atrevido,  
 Em trinta jornaes mettido  
 Sem levantar a viseira!..  
 E as questões sobre *um poema?*  
 — Que massada!.. Este systema  
 Não me cheira.

D. Jayme de manhã cêdo,  
 D. Jayme logo, ao almoço,  
 D. Jayme ao jantar, azedo,  
 D. Jayme á ceia, com ôsso,  
 D. Jayme, agora, adoçante,  
 D. Jayme, depois, picante,  
 D. Jayme de frigideira,  
 D. Jayme á lua guindado,  
 D. Jayme em lama arrastado  
 — Não me cheira.

Essa chusma impertinente  
 De cantantes e de harpistas,  
 Uns que tarde serão gente,  
 Tudo, alguns, menos artistas;  
*Pequerruchas* infelizes,  
 Que teem lá nos seus paizes  
 Inda cheia a mamadeira,  
 Longe da escalla do officio,  
 Trepando pela do vicio!...  
 Não me cheira.

E tantas mil taboletas  
Sobre as portas penduradas,  
Onde as asneiras e as petas  
Já não podem ser contadas !  
E estes *hoteis* estrangeiros,  
Que despedem os roceiros  
Sem trinta réis na algibeira  
Tendo lá pouca demora !  
— O melhor é ir-me embora !...  
    Não me cheira.

E ás filhas, que teem chorado  
Pelo velhote, que ausente  
Tres semanas tem passado,  
Que heide levar de presente?  
Vou assignar *O Futuro*,  
Que é moderno, e estou seguro  
Que não é má brincadeira ;  
Mas... se me vão á figura ?..  
— Pagar, e dar a pintura !...  
    Não me cheira.

F. X. DE NOVAES.



## CONHECIMENTOS UTEIS.

### I.

#### LÃAS E ALGODÕES.

No principio, Adão e Eva amanheceram nus, e estavam contentes, ao que parecia, com a singeleza do seu trajar. Não está sobejamente averiguado se Adão e Eva anoiteceram contentes, no primeiro dia da humanidade. O certo e sabido é que se vestiram de folhagem de figueira, logo que a serpente os imbaiu a comerem do fructo prohibido. Devemos disso inferir que o pudor foi consequencia do peccado; e que, a não existir o peccado, esta bonita coisa, que se chama pudor, faltaria á belleza da mulher; e os poetas, e romancistas, e moralistas desconheceriam um manancial de graciosos discursos, sermões, e madrigaes, que correm impressos ácerca do pudor. Ainda assim, melhor fôra que Eva não dêsse trela á serpente, e que a virtude ingenita da innocencia nos deixasse andar, sem vergonhas do mundo, quaes sahimos das mãos do Creador.

Ao crime da desobediencia, seguiu-se o do homicidio, praticado por Caim. O homem, que matou o homem, não sentiu repugnancia em matar os bichos, e particularmente os carneiros. Com a morte violenta dos carneiros, veio a reforma no vestido. Começaram os homens a vestir-se com as pelles das suas victimas, e não foi sem razão, attendendo que, no outomno, se despegavam seccas as folhas das arvores, e o pudor ficava em transes até á primavera.

Passou o carneiro a ser civilisado na companhia do homem, e o homem reconheceu a conveniencia de tosquiar o carneiro annualmente, em vez de o matar. Os animaes de lã branca eram os preferidos. Consta da Biblia que Labão deu a Jacob, para apascental-o, o rebanho dos lanigeros apintalados, e a seus filhos encarregou o pastorearem o rebanho de felpe negro, que dispensa tinturaria, e o rebanho de felpe branco estreme.

Não se sabe quem inventou a fiação. Dizem os historiadores que

Penelope e Lucrecia fiavam; mas a primeira no que primou foi na tecelagem. Na Grecia a fição chegou a subido aperfeiçoamento.

Os carneiros tiveram grande consideração em Roma. Os censores legislaram premios aos cultores da lã, e multas onerosas aos proprietarios descurados do melhoramento dos carneiros, cujas raças se apuravam em Tarento. Os carneiros, chamados *merinos*, originarios de Hespanha, eram os mais preciosos. A antiguidade não conheceu outro estófo, e com elle fabricavam as tunicas recamadas de enfeites.

Deve-se ao cuidado dos Mouros, dominadores da Peninsula, a raça mais avantajada de todas, do carneiro merino. Os primeiros, que appareceram em França, foram de Hespanha em 1757, e em 1775 pôde obtê-los a Austria. A Hespanha, em melhores tempos, até com os seus carneiros mandava a civilisação aos centros della.

A Inglaterra tem lá consigo este proverbio: « O carneiro é o thermometro da prosperidade de um povo. » Ora vejam onde está a prosperidade! E nós, os portuguezes, temos muito mais barões que carneiros! E, depois que temos rebanhos de barões, pedimos frades; e de carneiros apenas se lembram alguma vez os legisladores para lançarem contribuições aos lavradores que os tem; os quaes lavradores, para não pagarem o imposto, comem os carneiros. E como, a passo igual, minguem os carneiros e crescem os barões, pôde afoitamente, e sem receio de paradoxo, dizer-se que o barão mata o carneiro, assim como *isto mata aquillo*, no dizer do mestre Victor Hugo.

Vejamos como a Inglaterra se constituiu rainha do Universo, que conquistou com o carneiro.

Diz David Law: « Quando, em 1778, uma leva de condemnados inglezes foi transportada a Botany-Bay para coadjuvarem os colonos de lã e estabelecer rebanhos permanentes, passaram para alli de Bengala carneiros de raça pequena, de pello hirto, como elles são naquella parte da India. Notou-se logo que estes anzados animaes se melhoravam a olhos vistos com a mudança de clima e pasto. A lã desbastou-se, passando a ser brando felpe, comquanto não fosse mais fino. Doze annos depois desta auspiciosa experiencia, a colonia tinha seis mil carneiros, os quaes, proliferando com os de Hespanha, vieram a dar lã quasi igual á dos merinos. »

Este exemplo, com outros analogos, explica a prosperidade da Inglaterra, e tudo vem argumentando a favor do carneiro como thermometro para avaliar a riqueza de uma nação.

E' muito para louvar a Deus a susceptibilidade de aperfeiçoa-

rem-se, que elle deu a alguns animaes destituídos de razão, como parece que é o carneiro, segundo a opinião dos naturalistas. Com a especie humana foi mais esquivada a liberalidade do Creador.

Entre nós, e nestes ultimos trinta annos, vão-se as raças mesclando e procreando; mas a progenie, no maximo das vezes, sabe ou mais mazorra que os progenitores, ou mais defecada e intanguida. O carneiro lanzudo de Botany-Bay melhorou; o lanzudo racional transmite á prole o canhestro da sua figura e do seu espirito: tudo, pelos modos, feito á semelhança de Deos. O carneiro, pois, é muito mais progressista do que o homem; e é-o por que não cria theoria de progresso, e se deixa ir impassivelmente á vontade da Providencia, que o fez carneiro; e não é como o homem, que ousa sujeitar aos moldes de suas fantasias o destino da humanidade, delineado na mente do Creador.

Tornando á parte succulenta e erudita deste artigo, darei noticias ácerca do algodão, as quaes andei escavando no pó das bibliothecas, para a final de tudo me sahir com um artigo, que me hade carear o desamoravel epitheto de erudito, que em linguagem de damas litteratas e paraltas, formados em Alexandre Dumas, é synonymo de massador.

Herodoto... Herodoto! que nome! só o escrevê-lo é uma ejaculação de sabedoria! E' este um nome que dá de quem o escreve a severa imagem de um doutor em canones, com barrete de troçal, e a pitada do meio-grosso engatiliada ao nariz.

Herodoto, que floreceu 445 annos antes da vinda de Christo, diz que ha na India umas arvores sylvestres, que fructificam uma lã mais bella e fina que a das rêzes, da qual os indigenas se vestem.

Virgilio, nas Georgicas, tambem menciona a arvore do algodão. Strabo viu telas de algodão, matizadas de flores pintadas. Plinio, Theophrasto, Arriano, e outros excruciantes causticos da paciencia humana, dizem todos que ha arvores que produzem algodão, cousa que eu não contesto. A proposito do algodão, vou dar-lhes um romance, intitulado

## O ALGODÃO.

### CAPITULO I.

Era no baile natalicio do barão de \*\*\*. Festejava elle os annos de sua formosa filha Itelvina, que se morria d'amores d'um joven que tinha differentes gravatas, varias bengalinhas, e um pé muito pequeno, cujo calcanhar assentava n'um supedaneo, quatro dedos acima do tacão da bota. Chamava-se Porfirio, e era sceptico, e rico.

Itelvina queria-lhe d'alma, e escrevia-lhe pela posta interna cartas, que eram modelo, afóra a orthographia. E elle, o sceptico, para dizer que o era, escrevia « *cinto* que estou *celico*. » Corriam parellhas em orthographia, e, como parella que eram, escouceavam a prosodia.

Estavam, pois, no baile.

Porfirio entrára, e, feitos os cumprimentos, foi fumar. Voltou à sala, e disse a Itelvina, com fatno sorriso de quem disfructa o proximo: « Está hoje muito bonita; o seu seio é de jaspe. »

E, quando isto dizia, ouviu uma voz d'um grupo, que o ouvira, accrescentar:

— E de algodão.

Porfirio encarou no homem que tal dissera; mediu-o d'alto a baixo, e murmurou:

« Retire a palavra.

— O algodão?

« Sim, o algodão.

— Não retiro, cavalheiro, por que eu sou o proprietario do peito daquella fada.

« Mente! replicou Porfirio.

— Pois bem: as nossas espadas abrirão boccas mais verdadeiras.

## II.

No dia seguinte, quatro padrinhos accordaram que os bravos se degolassem no campo da honra, e depois se dessem mutuas explicações ácerca do algodão. Porfirio arremeteu furioso contra o adversario, e estragou-lhe o punho da manga direita da camisa. O proprietario *soi-disant* do peito de Itelvina cortou uma orelha da gravata azul celeste de Porfirio.

Os proprietarios lavraram e assignaram a seguinte acta do duello:

« Considerando que os cavalheiros Porfirio de tal e Felisberto de tal se houveram corajosamente no pleito de suas honras;

« Considerando que o motivo da sua discordia assentava n'uma allusão a uma dama, que no entender de um tinha peito de jaspe, e no do outro de algodão;

« Considerando que o cavalheiro Felisberto offendéra o cavalheiro Porfirio, denominando-se proprietario do peito da dama;

« Considerando que effectivamente, depois do duello e mutuo desaggravo, o Snr. Felisberto tirou do fundo de um chapéo umas pastas convexas de algodão que disse serem sua propriedade, havida por consentimento da dama, que elle amára com acrisolada ternura;

« Considerando mais que a honra do peito de uma senhora não póde estar á mercê d'um equivoco;

« Os dous cavalheiros, ouvidos os padrinhos, retiraram as expressões com que suas dignidades estavam feridas, e resolveram mandar á dama o algodão, sobreposto a uma empada de pombos em fórma de coração. »

Segue as assignaturas dos padrinhos.

### III.

Itelvina comeu o pastel.

### CONCLUSÃO.

Porfírio, passando ao escurecer debaixo das janellas de Itelvina, recebeu uma baldada de agua pela cabeça, e ficou constipado, oito dias de cama.

Quando se levantou, viu nos jornaes a noticia do casamento de Felisberto com Itelvina. Tirou uma copia da acta do duello, e mandou-a ao noivo.

O noivo, nas costas do traslado, que devolveu pelo mesmo portador, escreveu o seguinte:

« Não seja tolo. »

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



## CHRONICA DA LITTERATURA PORTUGUEZA.

Sigamos a ordem chronologica.

O primeiro dos livros sahidos dos prelos portuguezes durante os dois ultimos mezes foi o volume das poesias de Joaquim Pinto Ribeiro, com o titulo — *Corôas fluctuantes*.

Dá-nos o author a historiasinha modesta do seu livro, ao par com a graciosa significação do titulo que o designa.

« Na festa que no solsticio do estio celebram as donzellas de Varsovia, costumam ellas arremessar á corrente corôas de flores. N'essas corôas que assim vão, gyrando voltas, caminho do olvido, crêem aquellas pobres moças livrar-se de todos os ruins cuidados que lhes aggravavam o espirito. Esperanças desfolhadas, pensamentos afflictivos, magoas desesperadas, mallogrados amores, tudo ali desaparece de prompto e a ponto, deixando a alma de novo a tragar espaço e liberdade.

« Não são outras — nem os tempos são para mais — as ambições do author, ao dar a lume estes seus versos. »

Pinto Ribeiro é já conhecido na republica das letras. Corre impresso ha alguns annos o volume — *Lagrimas e flores*, — que sobra a fixar a reputação de um escriptor de boa nota.

N'esta época em que os poetas rebentam espontaneamente nos maninhos da litteratura, e surgem dos matagaes mais aridos sem precedencia de plantio, nem disvellos de cultura, raro se lêem livros que lembrem no outro dia ao afflicto de insomnias, que uma noite se lembrou de imbeber o tresnoitado espirito n'essa saudavel tizana.

Adverte Marmontel, que facilmente excita a nossa admiração a obra de um genero que a novidade exclue da sujeição do confronto. Ahi principia a admiração a ser difficil, quando a multiplicidade de

produções similliantes nos demove a repartir o sentido por muitos termos de comparação obrigada.

Ainda assim Pinto Ribeiro extrema-se da vulgaridade dos emulos que o circuitam, e sobrepuja notoriamente á maior parte dos bardos contemporaneos. Deixa-se ler com delicia e faz-se espontaneamente admirar.

O poeta das *Lagrimas e flores* é tão classico na dicção, genuina e inalteravelmente vernacula, como o é no pensamento, quasi sempre vasado nos agigantados moldes dos grandes mestres.

E é essa fidalguia de porte, a transluzir nas suas obras, é esse aprumo de castigada nobreza, que o despopularisa e aparta d'esta nova geração que vae passando com elle. Evidente parece que outra eschola, a eschola de Alfred de Musset, vae ganhando terreno em Portugal e leva já grande numero de proselytos ajuramentados nas suas bandeiras. Bulhão Pato e Thomaz Ribeiro ali estão filiados na nova seita, e logram o applauso das turbas sonogado ao poeta portuense.

E' preciso conhecer-se a musa de Alfred de Musset, esta musa da moda, que não pertence á conta das nove de que reza a fabula. E' ella uma mulher, uma simples mulher de carne e osso, mas linda e viva, buliçosa e alegre como extreme parisiense que é. E' musa que não tange lyra nem adormece ao múrmuro da lympha da Castalia, nem entalha o nome nas arvores do Parnaso, nem nos verte ambrosia em amphoras etruscas, nem scisma comasco á beira dos lagos, nem vaga solitaria e triste em noites de luar por entre murtas de vergeis floridos.

A musa de Alfred de Musset passeia com o seu poeta, recostada nos coxins flacidos de uma caleche ingleza. Canta, por desfastio, alguma canção de Béranger ou de Pierre Dupont, ou garganteia um alegre *couplet* de *vaudeville* nomeado. Adora tambem as flores, mas compra— não colhe — vistosos ramalhetes de violetas e camelias. Scisma, *au coin du feu*, alquebrada em uma volteriana, ou sentada no nosso joelho. Torce-nos o bigode, erriça-nos o cabello, compõe-nos a gravata, e ri, e bate as palmas, e chora duas vezes na vida, porque trilhou o dedinho côr de rosa ou se picou em um alfinete.

Eis ali a poesia da moderna eschola, a poesia de Musset, que a procurou e achou nos salões de Pariz, voando no turbilhão da valsa por entre flores e luzes; na *grand-opera*, recostada ao para-peito d'um camarote, en vestida de amazona, montando cavallo arabe, e perpassando como a sombra da elegancia e da moda, a trote largo, pelas avenidas de um parque.

Pinto Ribeiro desconhece as mulheres e a vida frívola do século. Conhece apenas o coração humano e o mundo creado por Deos. As mulheres vistas pelo prisma da sua imaginação, apaixonada e estuosa, são anjos ou demonios. O amor ou o odio são as duas cordas vibrantes e altisonas da sua alma. A musa que o amima e lhe segreda os carmes é a musa de Victor Hugo, de Schiller, de Klopstok e de Byron.

Qual destes generos vingará, qual d'elles estará em pé, quando a historia, d'aqui a cem annos, vier delinear a physionomia litteraria d'este século? Se o não decidir a illiterata e omnipotente inconsciencia do gosto, que sagra e derriba os idolos, é natural que ambos estejam para então enraizados e floridos, se a cada um d'elles conceder a fortuna cultores como Pinto Ribeiro e Bulhão Pato.

Ribeiro é discipulo convicto e apaixonado de Victor Hugo. As suas « Canções » primam sobre tudo na graça e singelez tão justamente admirada no author das « Contemplações. » Vêde a mimosa contextura d'esta conceituosa quadra :

Bella, eu lhe disse, no teu calmo gesto  
 Todo o saecgo de teu peito leio.  
 Bardo, disse ella c'um sorriso honesto,  
 A lua é calma e tem volções no seio.

A seguinte canção revê, no seu genero, uma fiel e acabada imitação do grande mestre da poesia moderna.

Se a teus olhos peço a vida,  
 Porque assim baixas a fronte?  
 Bella, eu sou a urze abatida,  
 Tu a fonte.

Se em teu seio amo o reponso,  
 Porque o abafas no arminho?  
 Bella, eu sou a ave sem pouso,  
 Tu o ninho.

Se te abraço delirante,  
 Porque me afastas irosa?  
 Bella, eu sou o musgo amante,  
 Tu a rosa.

A poesia philosophica, creada, se póde dizer, entre nós, pelo espirito verdadeiramente ascetico do estimado classico Fr. Antonio das Chagas, é proficientemente tractada por Pinto Ribeiro, notavel n'esse genero tão desattendido dos engenhos modernos.

Citarei alguns trechos, mais eloquentes que todo o encarecimento do elogio.

Nosso olhar em vão fixamos  
 No quadrante. — O sol perpassa,  
 E como a lympha dos montes  
 Nos foge a existencia escassa,  
 E sempre, nas festas nossas,  
 Da terra do adro um grão  
 Dança na planta que pisa  
 Alegre o em cadencia o chão.

A liga d'amargura de que são caldeadas as alegrias mundanas é uma triste verdade, muito bem pintada na graciosa e original consideração d'esses ultimos quatro versos.

Offerece-nos o primeiro volume de Pinto Ribeiro um excellente exemplo d'este genero na sua poesia — *O arcabuzado* —, cujo final eu não posso eximir-me de trasladar aqui.

É o trom rebenta d'infernal descarga;  
 Tremou — cahiu, voltando ao sol a face;

Se do bojo do mar em erma praia  
 Negros demonios de tropel saltando,  
 Entre risadas mil e mil trepidios  
 Viandante perdido devorassem,  
 Mais sanguinoso estrago não fizeram,  
 Feros cravando as aguçadas unhas  
 No cadaver, no cerebro disperso,  
 Que esse que o mar então cobriu rugindo.

Senhor! disse o poeta olhando aos astros,  
 Mais luz e mais amor chovei na terra,  
 Que em fructos não vingou a voz de Christo!

A poesia VII do novo volume é tambem exemplo menos facil de seguir que de estimar.

Tem alma de verdadeiro poeta, e possui o *os magna sonaturum* o mancebo que assim brada e assim chora, como Job, sobre as misérias desta vida,

Onde o amor tem um calvario,  
 E a gloria mentido encanto,  
 Onde as horas são contadas  
 Por ais e bagas de pranto;

Onde é sem termo e sem trégua  
 A luta lutada em vão  
 Da pomba contra o abutre,  
 Da chamma contra o tufão.

Admirae a concisa e clara estreiteza d'essa quadra gentil, em que se nos pinta o santo prazer da amizade:

Bênção do céo que consagra  
 Uma mão que outra segura,  
 Porque vòe entre dois seios  
 A fuisca da ventura.

As poesias eroticas são inquestionavelmente as que sobrelevam todas as outras desta collecção. Ha em todas ellas um tal perfume de entranhado amor, uma tão vaga saudade de outro mundo melhor e mais puro, tão altos e tão nobres arrobamentos de apaixonada imaginação, que só estas bastariam para abrir o triumphal caminho do Capitolio ao laureado nome deste poeta.

Ha nessas estrophes flôres que deviam ter embriões de lagrimas na doída alma do author. Quando a expressão cala assim persuasiva e funda na alma do que lê, é porque o sentimento que a inspirou rasgou, queimou, entrou no coração como ferro em brasa, e o poeta o leu lá dentro, na sua alma, antes de inventar o verbo humano para essa dôr, e o lançar grandiloquo e sonoro aos quatro ventos do mundo.

Citemos ainda. — Em livros destes, a critica mediana e obscura como esta, não podendo galardoar o merito com preito que valha a alevanta-lo, pouco mais pôde fazer do que citar.... e admirar.

Ouçamos a historia de uma mulher cuspida atrozmente na pureza das suas crenças immaculadas, virgem meiga que vê recalcada e esfolhada no chão a corôa das viçosas illusões da sua innocencia.

Nas convulsões da dôr a razão sua  
 — Que estragos que não faz o amor nas bellas ! —  
 A' força de rolar magoas tão grandes,  
 Em breve se extinguiu, sagrada alampada.  
 Harpa sonora a quem partira as cordas  
 Rustica mão ! as brisas ainda a roçam  
 Durante a noite pallida, mas tremulas  
 Um confuso rumor sómente gemem.  
 Desde então começou a amar os ermos,  
 E foi seu só prazer vagar sem tino,  
 Sorrir ao bosque, aos céos, aos precipicios,  
 A' onda que a refega aspera e fria  
 Faz espumar ao longe nos recifes,  
 Aos escuros covis forrados d'hera,  
 Ou confiar as pbrases da ternura  
 A's pallidas florinhas das campinas,  
 Ao lupreste que as silvas abrilhanta,  
 E ao arroio dos prados d'esmeralda.  
 Pobre criança ! A sua dôr docu-me.  
 Quando eu a vi fitava ella um abysmo ;  
 D'estrauha luz seu rosto illuminado  
 Toda a interna desordem reflectia,  
 E seus olhos immoveis pareciam  
 Ceder á vara d'invisivel fada....  
 A tormenta passava-lhe no espirito.

Ouçamos como se lamenta e chora a saudosa musa do nosso poeta, abraçada na cruz que assignala a campa, em que a amante dorme « o somno sem sonhos. »

Que socego e que páz lhe abraça a loisa  
 Que o rosmaninho em flôr cobre e perfuma!  
 Pela estrellada solidão das noites,  
 Como á beira do ninho, onde repouisa  
 A doce companheira,  
 O rouxinol endeixas lhe suspira,  
 E calmo e vago o astro da saudade,  
 Lyrios de prata, a mil, sobre ella esfolha.  
 Saudosas, gentis, castas reliquias  
 Do adoravel sacrario de alabastro,  
 Que aquella alma seraphica habitava  
 Em quanto d'aureos sóes não foi vestir-se,  
 Despojos preciosos,  
 Que nunca cessareis de repassar-me  
 Os seios da alma de cruel saudade,  
 Que posso eu dar-vos mais que pias lagrimas?

Quando o tordo annuncia o outomno triste  
 Digo á sua singela sepultura:  
 Pois que não pôdes mais, ó corpo d'oiro,  
 Ser meu, que ao menos o celeste orvalho,  
 Da terra á flor, em cada primavera  
 Te faça rebentar em novas rosas.  
 E digo após ao coração que chora:  
 A ausencia não é morte; espera a aurora!

Admiremos agora a imaginação irradiante de toda a sua risonha florecencia, n'um d'esses dias de fugaz enlêvo, que são para o coração abrazado e arido, como a gota d'agua para o viajante sequioso dos Alpes.

Fujamos! Fujamos! nas longas madeixas,  
 Nos braços gentis,  
 Nas vestes de seda que a fuga já cantam  
 Me envolve feliz;

A barca velada da amiga neblina  
 Anhela por ti,  
 Fujamos! emquanto a quadra florida  
 Do amor nos sorri.

O Doiro nas ribas fragosas, soturnas,  
 Que infundem pavor,  
 Tambem tem oásis vestidos de rosas,  
 D'encanto e verdor;

Ao longo dos negros rochedos que assombram  
 Seu puro crystal,  
 De manso voguemos até descobrirmos  
 As abas d'um val,

E occultes e ébrios d'amor e silencio,  
 N'um extasi, a sós,  
 Compondo d'olhares um hymno d'amores,  
 Inutil a voz,  
 Ali poderemos, por horas bem longas  
 D'culêvo e prazer,  
 Amarmo-nos, pomba, sorrirmo-nos, bella,  
 Sem nada tener.

Parece-me ter dado uma ideia do excellente livro — *Coróas fluctuantes* —, assignalando os principaes traços dos mais notaveis generos de poesia que elle encerra. Releve-se-me a frequencia das citações que julguei indispensaveis para o desempenho do meu proposito.

Quem não lerá com prazer, quem poderá defraudar-se ao gosto de citar uma poesia inteira, onde se encontram muitas estrophes como estas :

Por triste que seja a vida  
 Todos tem um sonho a abrir ;  
 E o meu sonho em flor, beldade,  
 E' ver teu gesto sorrir.  
 Tu és o raio luzente  
 E eu o átomo sem côr,  
 Que só sou visto dos homens  
 Se me doira o teu fulgor.  
 Que é o cardo ao pé da rosa ?  
 O hocco ao pé do colibri ?  
 Maio em flor a par do outomno ?  
 Que sou eu ao pé de ti ?

A predilecção que confesso ter por este escriptor, dilecto do meu gosto, não é parte para que lhe não conheça defeitos. Quem deixa de os ter na curta idade de Joaquim Pinto Ribeiro, e quasi no principio de uma carreira litteraria, quando o seu robusto e muito promettedor talento começa apenas a adolecer ?

Pinto Ribeiro é, por vezes, pertinazmente, rudemente, asperamente methaphorico. Dizer da espada de Affonso Henriques :

Virás a repousar-te,  
 Tendo o Doiro caudal por talabarte  
 E o Porto por bainha,

é um conceito alambicado, que poderia ser corôa e gloria d'algum poetastro « seiscentista », mas inquestionavelmente destoante e mal cabido n'um livro tão grave e mimoso como as *Coróas fluctuantes*.

Chamar aos principes, aos monges e aos poetas « remos do mesmo baixel » é usar uma methaphora dura e de pouca significação. Parece-me igualmente pueril, e de mau gosto, comparar o cedro, que range dobrado pelo tufão, ao

Cenobita,  
 Que arfa e grita  
 N'um sermão.

Estes senãos são todavia largamente compensados por muitas bellezas neste mesmo genero, em que o livro abunda.

E' sublime a comparação do homem que reluta na decifração deste insondavel mysterio chamado a vida, assimilado á

larva hedionda, procurando  
Sahir das trévas por degráus de sombra.

E' magnifica, é repassada de legitima e peregrina poesia, e denota profundo sentimento do bello, a seguinte figura, em que se nos descreve o pallôr da lua e o seu caminhar receioso:

A casta lua, pallida qual noiva  
Subindo ao throno d'ebano do esposo  
Que incendiado a contempla.

E' horrivelmente verdadeira, e muito expressiva, esta locução:

No mar dos tempos, bolha vã, se eleva  
O homem

Concluirei dizendo, em abono de desapaixonada verdade, que Pinto Ribeiro descara demasiado o fabrico do verso. A metrificacão deste livro é algumas vezes dura, e por ventura incorrecta. Eu applicarei contudo ao merito do meu poeta a notavel phrase de Victor Hugo a respeito de André Chenier: « Qui lui manque-t-il? Une coupe *élégante*? Nous préférons cependant une pareille « barberie à des vers qui n'ont d'autre mérite qu'une irréprochable médiocrité. »

Se em Joaquim Pinto Ribeiro não concorressem os defeitos que apontei, atrevo-me a asseverar que difficilmente encontraria poeta portuguez deste seculo que lhe disputasse a primazia.

J. D. RAMALHO ORTIGÃO.



## O PAIZ DAS CHIMERAS.

CONTO FANTASTICO.

Arrepêdêra-se Catão de haver ido algumas vezes por mar quando podia ir por terra. O virtuoso romano tinha razão. Os carinhos de Amphitrite são um tanto raivosos, e muitas vezes funestos. Os feitos maritimos dobram de valia por esta circumstancia, e é tambem por esta circumstancia que se esquivam de navegar as almas pacatas, ou para fallar mais decentemente, os espiritos prudentes e seguros.

Mas para justificar o proverbio que diz : — debaixo dos pés se levantam os trabalhos — a via terrestre não é absolutamente mais segura que a via maritima, e a historia dos caminhos de ferro, pequena embora, conta já não poucos e tristes episodios.

Absorto nestas e n'outras reflexões estava o meu amigo Tito, poeta aos vinte annos, sem dinheiro e sem bigode, sentado á mesa carunchosa do trabalho, onde ardia silenciosamente uma vela.

Devo proceder ao retrato physico e moral do meu amigo Tito.

Tito não é nem alto, nem baixo, o que equivale a dizer que é de estatura mediana, a qual estatura é aquella que se pôde chamar francamente elegante, na minha opinião. Possuindo um semblante angelico, uns olhos meigos e profundos, o nariz descendente legitimo e directo do de Alcibiades, a boca graciosa, a fronte larga como o verdadeiro throno do pensamento, Tito pôde servir de modello á pintura e de objecto amado aos corações de quinze e mesmo de vinte annos.

Como as medalhas, e como todas as cousas deste mundo de compensações, Tito tem um reverso. Oh! triste cousa que é o reverso das medalhas! Podendo ser, do collo para cima, modello á pintura, Tito é uma lastimosa pessoa no que toca ao resto. Pés prodigiosamente tortos, pernas zaimbras, taes são os contras que a pessoa

do meu amigo offerece a quem se extasia diante dos magnificos prós da cara e da cabeça. Parece que a natureza se dividira para dar a Tito o que tinha de melhor e o que tinha de peor, e pôl-o na miseravel e desconsoladora condição do pavão que se enfeita e contempla radioso; mas cujo orgulho se abate e desfallece quando olha para as pernas e para os pés.

No moral Tito apresenta o mesmo aspecto duplo do physico. Não tem vicios, mas tem fraquezas de character que quebram, um tanto ou quanto, as virtudes que o ennobrecem. E' bom e tem a virtude evangelica da caridade; sabe, como o divino Mestre, partir o pão da subsistencia e dar de comer ao faminto com verdadeiro jubilo de consciencia e de coração. Não consta, além disso, que jámais fizesse mal ao mais impertinente bicho, ou ao mais insolente homem, duas cousas identicas, nos curtos dias da sua vida. Pelo contrario, conta-se que a sua piedade e bons instinctos o levaram uma vez a ficar quasi esmagado, procurando salvar da morte uma galga que dormia na rua, e sobre a qual ia quasi quasi passando um carro. A galga salva por Tito affeioou-se-lhe tanto que nunca mais o deixou; á hora em que o vemos absorto em pensamentos vagos está ella estendida sobre a mesa a contemplal-o grave e suda.

Só ha que censurar em Tito as fraquezas de character, e deve-se crer que ellas são filhas mesmo das suas virtudes. Tito vendia outr'ra as producções da sua musa, não por meio de uma permuta legitima de livro e moeda, mas por um meio deshonoroso e nada digno de um filho de Apollo. As vendas que fazia eram absolutas, isto é, trocando por dinheiro os seus versos, o poeta perdia o direito de paternidade sobre essas producções. Só tinha um freguez; era um sujeito rico, maniaco pela fama de poeta, e que sabendo da facilidade com que Tito rimava apresentou-se um dia no modesto albergue do poeta e entabolou a negociação por estes termos?

— Meu caro, venho propor-lhe um negocio da China....

— Póde fallar, respondeo Tito.

— Ouvi dizer que você fazia versos... E' verdade?

Tito conteve-se a custo diante da familiaridade do tratamento, e respondeo:

— E' verdade.

— Muito bem. Proponho-lhe o seguinte. Compro-lhe por bom preço todos os seus versos, não os feitos, mas os que fizer de hoje em diante, com a condição de que os heide dar á estampa como obra da minha lavra. Não ponho outras condições ao negocio: advirto-lhe, porém, que prefiro as odes e as poesias de sentimento. Quer?

Quando o sujeito acabou de fallar, Tito levantou-se, e com um gesto mandou-o sahir. O sujeito presentiu que, se não sahisse logo, as cousas poderiam acabar mal. Preferiu tomar o caminho da porta, dizendo entre dentes. « Has de procurar-me, deixa estar ! »

O meu poeta esqueceu no dia seguinte a aventura da vespera, mas os dias passaram-se e as necessidades urgentes apresentaram-se á porta com o olhar supplicante e as mãos ameaçadoras. Elle não tinha recursos ; depois de uma noite atribulada lembrou-se do sujeito, e tratou de procura-lo ; disse-lhe quem era, e que estava disposto a aceitar o negocio ; o sujeito, rindo-se com um riso diabolico, fez o primeiro adiantamento, sob a condição de que o poeta lhe levaria no dia seguinte uma ode aos Polacos. Tito passou a noite a arregimentar palavras sem idéas, tal era o seu estado, e no dia seguinte levou a obra ao freguez, que a achou boa e dignou-se apertar-lhe a mão.

Tal é a face moral de Tito. A virtude de ser *pagador em dia* levava-o a mercar com os dons de Deus ; e ainda assim vemos nós que elle resistiu, e só foi vencido quando se achou com a corda ao pescoço.

A mesa á qual Tito estava encostado era um traste velho e de lavôr antigo ; herdára-a de uma tia que lhe havia morrido faziam dez annos. Um tinteiro de osso, uma penna de ave, algum papel, eis os instrumentos de trabalho de Tito. Duas cadeiras e uma cama completavam a sua mobilia. Já fallei na vela e na galga.

A' hora em que Tito se engolfava em reflexões e fantasias era noite alta. A chuva cahia com violencia, e os relampagos que de instante a instante rompiam o cêo deixavam ver o horisonte pejado de nuvens negras e tumidas. Tito nada via, porque estava com a cabeça encostada nos braços, e estes sobre a mesa ; e é provavel que nada ouvisse porque se entretinha em reflectir nos perigos que offerecem os differentes modos de viajar.

Mas qual o motivo destes pensamentos em que se engolfava o poeta ? E' isso que eu vou explicar á legitima curiosidade dos leitores. Tito, como todos os homens de vinte annos, poetas e não poetas, sentia-se affectado da doença do amor. Uns olhos pretos, um porte senhoril, uma visão, uma *creatura* celestial, qualquer cousa por este theor, havia influido por tal modo no coração de Tito, que o puzera, pôde-se dizer, á beira da sepultura. O amor em Tito começou por uma febre ; esteve tres dias de cama, e foi curado (da febre e não do amor) por uma velha da visinhança, que conhecia o segredo das plantas virtuosas, e que pôz o meu poeta de pé, com o que adquiriu mais um titulo á reputação de feiticeira, que os seus milagrosos curativos lhe haviam grangeado.

Passado o periodo agudo da doença, ficou-lhe esse resto de amor, que, apesar da calma e da placidez, nada perde da sua intensidade. Tito estava ardentemente apaixonado, e desde então começou a defraudar o freguez das odes, subtrahindo-lhe algumas estrophes inflammadas, que dedicava ao objecto dos seus intimos pensamentos, tal qual como aquelle Sr. d'Ofayel, dos *amores leaes e pudicos*, com quem se pareceu, não na semsaboria dos versos, mas no infortunio amoroso.

O amor contrariado, quando não leva a um desdem sublime da parte do coração, leva á tragedia ou á asneira. Era nesta alternativa que se debatia o espirito do meu poeta. Depois de haver gasto em vão o latim das musas, aventurou uma declaração oral á dama dos seus pensamentos. Esta ouviu-o com dureza d'alma, e quando elle acabou de fallar disse-lhe que era melhor voltar á vida real, e deixar musas e amores, para cuidar do alinhio da propria pessoa. Não presuma o leitor que a dama de quem lhe fallo tinha a vida tão desenvolta como a lingua. Era, pelo contrario, um modeio da mais seraphica pureza e do mais perfeito recato de costumes: recebêra a educação austera de seu pae, antigo capitão de milicias, homem de incrível boa fé, que, neste seculo desabusado, ainda acreditava em duas cousas: nos programmas politicos e nas cebolas do Egypto.

Desenganado de uma vez nas suas pretensões, Tito não teve força de animo para varrer da memoria a filha do militar; e a resposta crua e despiadada da moça estava-lhe no coração como um punhal frio e penetrante. Tentou arranca-lo, mas a lembrança, viva sempre, com ara de Vesta, trazia-lhe as fataes palavras ao meio das suas horas mais alegres ou menos tristes da sua vida, como aviso de que a sua satisfação não podia durar e que a tristeza era o fundo real dos seus dias. Era assim que os egypcios mandavam pôr um sarcophago no meio de um festim, como lembrança de que a vida é transitoria, e que só na sepultura existe a grande e eterna verdade.

Quando, depois de voltar a si, Tito conseguiu encadear duas idéas e tirar dellas uma consequencia, dous projectos se lhe apresentaram, qual mais proprio a grangear-lhe a viltade de pusilanime; um concluia pela tragedia, outro pela asneira; triste alternativa dos corações não comprehendidos! O primeiro desses projectos era simplesmente deixar este mundo; o outro, limitava-se a uma viagem, que o poeta faria por mar ou por terra, afim de deixar por algum tempo a capital. Já o poeta abandonava o primeiro por achal-o sanguinolento e definitivo; o segundo parecia-lhe melhor, mais consentaneo com a sua dignidade e sobre tudo com os seus instinctos de conservação. Mas

qual o meio de mudar de sitio? Tomaria por terra? tomaria por mar? Qualquer destes dous meios tinham seus inconvenientes. Estava o poeta nestas averiguações, quando ouvio que batiam á porta tres pancadinhas. Quem seria? Quem poderia ir procurar o poeta aquella hora? Lembrou-se que tinha umas encommendas do homem das odes e foi abrir a porta disposto a ouvir resignado a muito plausivel sarabanda que elle lhe vinha naturalmente pregar. Mas, ó pasmo! mal o poeta abriu a porta, eis que uma sylphide, uma creatura celestial, vaporosa, fantastica, trajando vestes alvas, nem bem de panno, nem bem de nevoas, uma cousa entre as duas especies, pés aligeros, rosto sereno e insinuante, olhos negros e scintillantes, cachos louros do mais leve e delicado cabello, a cahirem lhe graciosos pelas espaduas nias, divinas, como as tuas, ó Aphrodita; eis que uma creatura assim invade o aposento do poeta e estendendo a mão ordena-lhe que feche a porta e tome assento á mesa.

Tito estava assombrado. Machinalmente voltou ao seu lugar sem tirar os olhos da visão. Esta sentou-se defronte d'elle e começou a brincar com a galga que dava mostras de não usado contentamento. Passaram-se nisto dez minutos; depois do que a peregrina singular creatura, cravando os seus olhos nos do poeta, perguntou-lhe com uma doçura de voz nunca ouvida:

— Em que pensas, poeta? Pranteas algum amor mal parado? Soffres com a injustiça dos homens? Doe-te a desgraça alheia ou é a propria que te sombrêa a frente?

Esta indagação era feita de um modo tão insinuante que Tito sem inquirir o motivo da curiosidade, respondeu immediatamente:

— Penso na injustiça de Deus.

— E' contradictoria a expressão; Deus é a justiça.

— Não é. Se fosse teria repartido irmãmente a ternura pelos corações e não consentiria que um ardesse inutilmente pelo outro. O phenomeno da sympathia devia ser sempre reciproco, de maneira que a mulher não pudesse olhar com frieza para o homem, quando o homem levantasse olhos de amor para ella.

— Não és tu quem falla, poeta. E' o teu amor proprio ferido pela má paga do teu affecto. Mas de que te servem as musas? Ainda não vieram a ti, como eternas consoladoras que são? Entra no santuario da poesia, engolfa-te no seio da inspiração, esquecerás ahi a dôr da chaga que o mundo te abriu.

— Coitado de mim, respondeu o poeta, que tenho a poesia fria, e apagada a inspiração!

— De que precisas tu para dar vida á poesia e á inspiração?

- Preciso do que me falta... e falta-me tudo.
- Tudo? E' exagerado. Tens o sello com que Deus te distinguiu dos outros homens e isso te basta. Scismavas em deixar esta terra?
- E' verdade.
- Bem; venho a proposito. Queres ir commigo?
- Para onde?
- Que importa? Queres vir?
- Quero. Assim me distrahirei. Partiremos amanhã. E' por mar, ou por terra?
- Nem amanhã, nem por mar, nem por terra; mas hoje, e pelo ar. Tito levantou-se e recuou. A visão levantou-se tambem.
- Tens medo? perguntou ella.
- Medo, não, mas...
- Vamos. Faremos uma deliciosa viagem.
- Vamos.

Não sei se Tito esperava um balão para a viagem aerea a que o convidava a inesperada visita; mas, o que é certo, é que os seus olhos se arregalaram prodigiosamente quando vio abrirem-se das espaduas da visão duas longas e brancas azas que ella começou a agitar e das quaes cahia uma poeira de ouro.

— Vamos, disse a visão. Tito repetiu machinalmente:— Vamos! E ella tomou-o nos braços, subiu com elle até o tecto que se rasgou, e passaram ambos, visão e poeta. A tempestade tinha, como por encanto, cessado; estava o céu limpo, transparente, luminoso, verdadeiramente *celeste* emfim. As estrellas fulgiam com a sua melhor luz, e um luar branco e poetico cahia sobre os telhados das casas e sobre as flôres e a relva dos campos.

Os dous subiram.

Durou a ascensão algum tempo. Tito não podia pensar; ia atordado e subia sem saber para onde, nem a razão porque. Sentia que o vento agitava os cabellos louros da visão, e que elles lhe batiam docemente na face, do que resultava uma exhalação celeste que embriagava e adormecia. O ar estava puro e fresco. Tito, que havia distrahido algum tempo da occupação das musas no estudo das leis physicas, contava que naquelle subir continuado breve chegariam a sentir os effeitos da rarefação da atmosphera. Engano d'elle! Subiam sempre, e muito, mas a atmosphera conservava-se sempre a mesma e quanto mais elle subia, melhor respirava.

Isto passou rapido pela mente do poeta. Como disse, elle não pensava; ia subindo sem olhar para a terra. E para que olharia para a terra? A visão não podia conduzi-lo senão ao céu.

Em breve começou Tito a ver os planetas fronte por fronte. Era já sobre a madrugada. Venus mais pallida e loura que de costume, offuscava as estrellas com o seu clarão e com a sua belleza. Tito teve um olhar de admiração para a deusa da manhã. Mas subia, subiam sempre. Os planetas passavam á ilharga do poeta como se foram corceis desenfreados. A final penetraram em uma região, inteiramente diversa das que haviam atravessado naquella assombrosa viagem. Tito sentiu expandir-se-lhe a alma na nova atmosphaera. Seria aquillo o céu? O poeta não ousava perguntar, e mudo esperava o termo da viagem. A proporção que penetravam nessa região ia-se a alma do poeta rompendo em jubilo; dali a algum tempo entravam em um planeta; a fada depôz o poeta, e começaram a fazer o trajecto a pé.

Caminhando, os objectos, até então vistos atravez de um nevoeiro, tomavam aspecto de cousas reaes. Tito pôde ver então que se achava em uma nova terra, a todos os respeitos estranha; o primeiro aspecto vencia ao que offerece a poetica Stambul ou a poetica Napoles. Mais entravam, porém, mais os objectos tomavam o aspecto da realidade. Assim chegaram á grande praça onde estavam construidos os reaes paços. A habitação régia era, por assim dizer, uma reunião de todas as ordens architectonicas, sem excluir a chineza, sendo de notar que esta ultima fazia não mediana despeza na structura do palacio.

Tito quiz saber da ancia em que estava por saber em que paiz acabava de entrar, e aventurou uma pergunta á sua companheira.

— Estamos no paiz das Chimeras, respondeu ella.

— No paiz das Chimeras?

— Das Chimeras. Paiz para onde viaja tres quartas partes do genero humano, mas que não se acha consignado nas taboas da sciencia.

Tito contentou-se com a explicação. Mas refletiu sobre o caso. Porque motivo iria parar alli? A que era levado? Estava nisto quando a fada o advertiu de que eram chegados á porta do palacio. No vestibulo haviam uns vinte ou trinta soldados que fumavam em grossos cachimbos de escuma do mar, e que se embriagavam, como outros tantos padichahs, na contemplação dos novellos de fumo azul e branco que lhes saham da bocca. A' entrada dos dous houve continencia militar. Subiram pela grande escadaria, e foram ter aos andares superiores.

— Vamos fallar aos soberanos, disse a companheira do poeta. Atravessaram muitas salas e galerias. Todas as paredes, como no poema de Diniz, eram forradas de papel prateado e lantejoilas.

A final penetraram na grande sala. O *genio das bagatellas*, de que falla Elpino, estava sentado em um throno de casquinha, tendo de ornamento dous pavões, um de cada lado. O proprio soberano tiuha por coifa um pavão vivo, atado pelos pés, a uma especie de solidéo, maior que o dos nossos padres, o qual por sua vez ficava firme na cabeça por meio de duas largas fitas amarellas, que vinham atar-se debaixo dos reaes queixos. Coifa identica adornava a cabeça dos genios da côrte, que correspondem aos viscondes deste mundo e que cercavam o throno do brilhante rei. Todos aquelles pavões, de minuto a minuto arnavam-se, *apavoneavam-se*, e davam os guinchos do costume.

Quando Tito entrou na grande sala pela mão da visão, houve um murmurio entre os fidalgos chimericos. A visão declarou que ia apresentar um filho da terra. Seguiu-se a cerimonia da apresentação, que era uma enfiada de cortezias, passagens e outras cousas chimericas, sem excluir a formalidade do beija-mão. Não se pense que Tito foi o unico a beijar a mão ao genio soberano; todos os genios presentes fizeram o mesmo, porque, segundo Tito ouviu depois, não se dá naquelle paiz o acto mais insignificante sem que esta formalidade seja preenchida.

Depois da cerimonia da apresentação perguntou o soberano ao poeta que tratamento tinha na terra para dar-se-lhe cicerone correspondente.

— Eu, disse Tito, tenho, se tanto, uma triste Mercê.

— Só isso? Pois ha de ter o desprazer de ser acompanhado pelo cicerone commum. Nós temos cá a Senhoria, a Excellencia, a Grandeza, e outras mais; mas quanto á Mercê, essa tendo habitado algum tempo este paiz, tornou-se tão pouco util que julguei melhor despedil-a.

A este tempo a Senhoria e a Excellencia, duas creaturas imper-tigadas, que se haviam approximado do poeta, voltaram-lhe as costas, encolhendo os hombros e deitando-lhe um olhar de travez com a maior expressão de desdem e pouco caso.

Tito quiz perguntar á sua companheira o motivo deste acto daquellas duas chimericas pessoas; mas a visão puxou-lhe pelo braço, e fez-lhe ver com um gesto que estava desattendendo ao Genio das bagatellas, cujos sobr'olhos se contrahiram, como dizem os poetas antigos, que se contrahiam os de Jupiter Tonante.

Neste momento entrou um bando de moçoilas frescas, lepidas, bonitas e louras... oh! mas de um louro que se não conhece entre nós, os filhos da terra! Entraram ellas a correr, com a agi-

lidade de andorinhas que vôam; e depois de apertarem galhofeiramente a mão aos genios da côrte foram ao Genio soberano, diante de quem fizeram umas dez ou doze mesuras.

Quem eram aquellas raparigas? O meu poeta estava de boca aberta. Indagou da sua guia, e soube. Eram as Utopias e as Chimeras que iam da terra, onde haviam passado a noite na companhia de alguns homens e mulheres de todas as idades e condições.

As Utopias e as Chimeras foram festejadas pelo soberano, que se dignou sorrir-lhes e bater-lhes na face. Ellas alegres e risonhas receberam os carinhos reaes como cousa que lhes era devida; e depois de dez ou doze mesuras, repetição das anteriores, foram-se da sala, não sem abraçarem ou beliscarem o meu poeta, que olhava espantado para ellas sem saber por que se tornára objecto de tanta jovialidade. O seu espanto crescia de ponto quando onvia a cada uma dellas esta expressão muito usada nos bailes de mascarar: Eu te conheço!

Depois que sahiram todas, o Genio fez um signal, e toda a attenção concentrou-se no soberano a ver o que ia sahir-lhe dos labios. A expectativa foi burlada, porque o gracioso soberano apenas com um gesto indicou ao cicerone commum o misero hospede que daqui tinha ido. Seguiu-se a cerimonia da sahida, que durou longos minutos, em virtude das mesuras, cortezias e beija-mão do estylo.

Os tres, o poeta, a fada conductora e o ciceroni passaram á sala da rainha. A real senhora era uma pessoa digna de attenção a todos os respeitos; era imponente e graciosa; trajava vestido de gaze e roupa da mesma fazenda, borzeguins de setim alvo, pedras finas de todas as especies e côres, nos braços, no pescoço e na cabeça; na cara trazia posturas finissimas, e com tal arte, que parecia haver sido córada pelo pincel da natureza; dos cabellos recendiam activos cosmeticos e delicados oleos.

Tito não disfarçou a impressão que lhe causava um todo assim. Voltou-se para a companheira de viagem e perguntou como se chamava aquella deusa.

— Não a vê? respondeu a fada; não vê as trezentas raparigas que trabalham em torno della? Pois então? é a Moda, cercada de suas *trezentas bellas, caprichosas filhas*.

A estas palavras Tito lembrou-se do *Hyssope*. Não duvidava já de que estava no paiz das chimeras; mas, raciocinou elle, para que Diniz fallasse de algumas destas cousas é preciso que cá tivesse vindo, e voltasse como está averiguado. Portanto, não devo receiar de cá ficar morando eternamente. Descançado por este lado, passou

a attentar para os trabalhos das companheiras da rainha; eram umas novas modas que se estavam arranjando para vir a este mundo substituir as antigas.

Houve apresentação com o ceremonial do estylo. Tito estremeceu quando pousou os labios na mão fina e macia da soberana, esta não reparou, porque tinha na mão esquerda um *psyché*, onde se mirava de momento em momento.

Impetraram os tres licença para continuar a visita do palacio e seguiram pelas galerias e sallas do palacio. Cada sala era occupada por um grupo de pessoas, homens ou mulheres. algumas vezes mulheres e homens, que se occupavam nos differentes mysteres de que estavam incumbidos pela lei do paiz, ou por ordem arbitraria do soberano. Tito percorria essas diversas sallas com o olhar espantado, extranhiando o que via, aquellas occupações, aquelles costumes, aquelles caracteres. Em uma das sallas um grupo de cem pessoas occupava-se em adelgaçar uma massa branca, leve e balofa. Naturalmente este lugar é a ucharia, pensou Tito; estão preparando alguma ignaria singular para o almoço do rei. Indagou do ciceroni se havia acertado. O cicerone respondeu:

— Não, senhor; estes homens estão occupados em preparar massa cerebral para um certo numero de homens de todas as classes, estadistas, poetas, namorados, etc; serve tambem a mulkeres. Esta massa é especialmente para aquelles que no seu planeta vivem com verdadeiras disposições do nosso paiz, aos quaes fazemos presente deste elemento constitutivo.

— E' massa chimerica?

— Da melhor que se ha visto até hoje.

— Póde ver-se?

O cicerone sorriu-se; chamou o chefe da salla, a quem pediu um pouco de massa. Este foi com promptidão ao deposito e tirou uma porção que entregou a Tito. Mal o poeta a tomou das mãos do chefe desfez-se a massa como se fôra composta de fumo. Tito ficou confuso; mas o chefe batendo-lhe no hombro:

— Vá descançado, disse; nós temos á mão materia prima; é da nossa propria atmospherá que nos servimos; e a nossa atmospherá não se exgota.

Este chefe tinha uma cara insinuante, mas, como todos os chimericos, era sugeito a abstracções, de modo que Tito não pôde arrancar-lhe mais uma palavra, porque elle ao dizer as ultimas começou a olhar para o ar e a contemplar o vôo de uma ~~massa~~.

Este caso attrahio os companheiros que se chegaram a elle e mergulharam-se todos na contemplação do alado insecto.

Os tres continuaram caminho.

Mais adiante era uma salla onde muitos chimericos, á roda de mesas, discutiam os differentes modos de inspirar aos diplomatas e directores deste nosso mundo os pretextos para encher o tempo e apavorar os espiritos com futilidades e espantalhos. Esses homens tinham ares de finos e expertos. Havia ordem do soberano para não entrar naquella sala em horas de trabalho; uma guarda estava á porta. A menor distracção daquelle congresso seria considerada uma calamidade publica.

Andou o meu poeta de sala em sala, de galeria em galeria, aqui, visitando um muséo, alli, um trabalho ou um jogo; teve tempo de ver tudo, de tudo examinar, com attenção e pelo miudo. Ao passar pela grande galeria que dava para a praça, viu que o povo, reunido em baixo das janellas, cercava uma forca. Era uma execução que ia ter lugar. Crime de morte? perguntou Tito, que tinha a nossa legislação na cabeça. Não, responderam-lhe, crime de lesa-cortezia. Era um chimerico que havia commettido o crime de não fazer a tempo e com graça uma continencia; este crime é considerado naquelle paiz como a maior audacia possivel e imaginavel. O povo chimerico contemplou a execução como se assistisse a um espectáculo de saltimbancos, entre applausos e gritos de prazer.

Entretanto era a hora do almoço real. A' mesa do genio soberano só se sentavam o rei, a rainha, dous ministros, um medico, e a encantadora fada que havia levado o meu poeta áquellas alturas. A fada, antes de sentar-se á mesa, implorou do rei a mercê de admittir Tito ao almoço; a resposta foi affirmativa; Tito tomou assento. O almoço foi o mais succinto e rapido que é possivel imaginar. Durou alguns segundos, depois do que todos se levantaram, e abriu-se mesa para o jogo das reaes pessoas; Tito foi assistir ao jogo; em roda da sala haviam cadeiras onde estavam sentadas as Utopias e as Chimeras; ás costas dessas cadeiras impertigaram-se os fidalgos Chimericos, com os seus pavões e as suas vestiduras de escarlate. Tito aproveitou a occasião para saber como é que o conheciam aquellas assanhadas raparigas. Encostou-se a uma cadeira e indagou da Utopia que se achava nesse lugar. Esta impetrou licença, e depois das formalidades do costume, retirou-se a uma das salas com o poeta, e ahi perguntou-lhe:

— Pois deveras não sabes quem somos? Não nos conheces?

— Não as conheço, isto é conheço-as agora, e isso dá-me verdadeiro pezar, porque quizera te-las conhecido ha mais tempo.

— Oh! sempre poeta!

— E' que deveras são de uma gentileza sem rival. Mas onde é que me viram?

— Em tua propria casa.

— Oh!

— Não te lembras? A' noite, cansado das lutas do dia, recolhes-te ao aposento, e ahí, abrindo velas ao pensamento, deixas-te ir por um mar sereno e calmo. Nessa viagem acompanham-te algumas raparigas.... somos nós, as Utopias, nós, as Chimeras.

Tito comprehendeu a final uma cousa que se lhe estava a dizer ha tanto tempo. Sorriu-se, e cravando os seus bellos e namorados olhos nos da Utopia, que tinha diante de si, disse:

— Ah! sois vós, é verdade! Consoladora companhia que me distrahe de todas as miserias e pezares. E' no seio de vós que eu enxugo as minhas lagrimas. Ainda bem! Conforta-me ver-vos a todas de face e debaixo de fôrma palpavel.

— E queres saber, tornou a Utopia, quem nos leva a todas para tua companhia? Olha, vê.

O poeta voltou a cabeça e vio a peregrina visão, sua companheira de viagem.

— Ah! é ella, disse o poeta!

— E' verdade. E' a loura Fantazia, a companheira desvellada dos que pensam e dos que sentem.

A Fantazia e a Utopia entrelaçaram-se as mãos e olhavam para Tito. Este, como que enlevado, olhava para ambas. Durou isto alguns segundos; o poeta quiz fazer algumas perguntas, mas quando ia fallar reparou que as duas se haviam tornado mais delgadas e vaporosas. Articulou alguma cousa; porém vendo que ellas iam ficando cada vez mais transparentes, e distinguindo-lhes já pouco as feições soltou estas palavras: — Então! que é isto? por que se desfazem assim? — Mais e mais as sombras desappareciam, o poeta correo á salla do jogo; espectáculo identico o esperava; era pavoroso; todas as figuras se desfaziam como se fossem feitas de nevoa. Atonito e palpitante, Tito percorreo algumas galerias e afinal sahio á praça; todos os objectos estavam soffrendo a mesma transformação. Dentro de pouco Tito sentio que lhe faltava apoio aos pés e vio que estava solto no espaço.

Nesta situação soltou um grito de dôr. Fechou os olhos e deixou-se ir como se tivesse de encontrar por termo de viagem a morte.

Era na verdade o mais provavel. Passados alguns segundos, Tito abriu os olhos e vio que cahia perpendicularmente sobre um ponto negro que lhe parecia do tamanho de um ovo. O corpo rasgava como raio o espaço. O ponto negro cresceo, cresceo, e cresceo até fazer-se do tamanho de uma grande esphera. A queda do poeta tinha alguma cousa de diabolica: elle soltava de vez em quando um gemido; o ar batendo-lhe nos olhos obrigava-o a fechal-os de instante a instante. Afinal o ponto negro que havia crescido, continuava a crescer, até aparecer ao poeta com o aspecto da terra. E' a terra! disse Tito comsigo.

Creio que não haverá expressão humana para mostrar a alegria que sentio aquella alma, perdida no espaço, quando reconheceu que se approximava do planeta natal. Curta foi a alegria; Tito pensou, e pensou bem, que naquella velocidade quando tocasse em terra seria para nunca mais se levantar. Teve um calafrio: vio a morte diante de si, e encommendou a alma a Deos. Assim foi, foi, ou antes, veio, veio, até que — milagre dos milagres! — cahio sobre uma praia, de pé, firme como se não houvesse dado aquelle infernal salto.

A primeira impressão, quando se vio em terra, foi de satisfação; depois tratou de ver em que região do planeta se achava; podia ter cahido na Siberia ou na China; verificou que se achava a dous passos de casa. Apressou-se o poeta a voltar aos seus pacificos lares.

A vela estava gasta; a galga, estendida sobre a mesa, tinha os olhos fitos na porta. Tito entrou e atirou-se sobre a cama, onde adormecen, reflectindo no que lhe acabava de acontecer.

Desde então Tito possui um olhar de lynce, e diz, á primeira vista, se um homem traz na cabeça miolos ou massa chimerica. Devo declarar que poucos encontra que não fação provisão desta ultima especie. Diz elle, e tenho razões para crer, que eu entro no numero das pouquissimas excepções. Em que peze aos meus desaffeiçãoados não posso retirar a minha confiança de um homem que acaba de fazer tão pasmosa viagem, e que pôde olhar de face o throno scintilantê do rei das Bagatellas.

MACHADO DE ASSIS.



Por ser muito extenso, e cheio de annotações, o capitulo, que devia entrar neste numero, dos *Apontamentos Biographicos* de S. M. O Imperador do Brasil, pelo Exm. Sr. J. Pinto de Campos, a redacção foi forçada a interromper a publicação deste trabalho, que continuará no numero seguinte.

F. X. DE NOVAES.

## CHRONICA.

Sou inimigo de preambulos, principalmente quando me não sobram tempo e espaço para desperdiçar com elles. As introduções pôdem ser uma grande coisa ; mas, á fé, não lhes reconheço nenhuma utilidade, sempre que, como agora, me falta veia para ellas.

E, pois, á imitação do meu illustre amigo, redactor chefe do FUTURO, de que, de pé para mão, se fez proprietario, *marcho di-reito ao fim*, sem a ninguem dar satisfação do que vou dizer. O leitor que desejar saber o que vai por esse mundo de Christo, o que se passou durante a ultima quinzena, não tem mais do que deixar cahir os olhos nesta pagina e acompanhar-me. Se lhe não agradar o que eu disser, páre, apenas terminada a *chronica*, e não leia o que encontrar depois da assignatura. E' um conselho luminoso. Tanto posso offerecer aos curiosos-exigentes.

As *tres artes nobres* euflaram a casaca, e apresentaram-se, a semana passada no paço imperial, realizando a sua primeira exposição biennial, a que concorreram muitos artistas nacionaes e estrangeiros.

Não tratarei minuciosamente dos objectos que alli se acham reunidos. Não disponho dos elementos para isso indispensaveis.

Entretanto, creio poder asseverar que a par de alguns trabalhos vulgares, como sóem de ordinario apresentar-se em todas as exposições, especialmente quando constituem estas uma tentativa nascida de esforços particulares, ha outros que me parecem de merecimento real, figurando entre esses um do Sr. Leopoldo Heck. E' uma scena dos *Miseraveis*, feita á penna, imitando gravura, e offerecida pelo author a V. Hugo.

A reputação do artista, a homenagem que lhe rendem quantos o conhecem, são motivos bastante fortes para me convencerem de que não precisa de louvores de uma chronica modesta quem, como o Sr. Heck, sobre a intelligencia baséa o nome que o conceitúa.

No caso do Sr. Heck estão os Srs. Victor Meirelles de Lima, Arsenio da Silva, e outros artistas de incontestavel talento, a quem sinceramente felicito. Collocar estes nomes em segundo lugar não quer dizer considera-los em menos.

Sinto extremamente a impossibilidade em que me acho de dirigir ignaes manifestações a todos os expositores. A excepção é indispensavel. Tenham paciencia os infelizes, mas a verdade não é outra.

E se não, attenda-me o leitor amigo.

Entremos na primeira sala, e lancemos um *rapido* olhar sobre a moldura n. 3. O que se vê? Um quadro que se chama—*A innocencia guardada pela fidelidade*, isto é, uma virgem a dormir, vigiada por um cão, especie de gaiato, que, deitado sobre o rechonchudo collo da donzella, baba-se de gosto, *julgando-se*, quiçá, o senhor absoluto do

avelludado travessero em que repousa o melancholico e poetico focinho.

Como se vê, é quasi uma inspiração!

Se passarmos ás salas que se seguem á primeira, então é que são ellas. Uma alluvião de quadros arrebatadores parecem atirar-se á gente, assim como quem diz: — Não se esqueçam de nós. Um quadro, por exemplo, representando, ao que parece, uma mulher, nos primeiros tempos da criação, em que ainda se não haviam *aperfeiçoados* as raças, surge, admiravel, encantando quantos têm a dita de lhe pôr a vista!

E' uma Eva sufficientemente inchada, parecendo dispôr-se a fallar com uma especie de santa espartilhada, que se vê suspensa no espaço. A um malicioso ouvi eu que o tal quadro se denominava — Nossa Senhora do Espartilho—, invocação dada pelo author, que não tenho a honra de conhecer, a uma *imagem* descoberta não sei em que *solidões*... lá para as bandas da Siberia.

A lembrança não é das mais edificantes, porém caracteriza perfeitamente o painel, dando-lhe o cunho da verdade!

De parte muitos *ditos* no caso deste ultimo, julgo de rigoroso dever não deixar no esquecimento o quadro n. 7 (estudos á pastel), sala n. 6. E' um trabalho do Snr. Arieira, o qual, como todos quantos expoz este cavalleiro, não me parece muito no caso de conquistar, para quem lhe deu o *ser* as palmas de nenhuma gloria a modos de Raphael, presumpção de que, sem injustiça, não pôde o author ser accusado.

Dito isto, passo adiante, para não roubar ao leitor a surpresa que naturalmente encontrará, indo á exposição admirar, entre os trabalhos de vulto, as pinturas de Snr. Arieira.

Os theatros marcham do mesmo modo.

O Gymnasio... sio!... Não lhe toques, Magdalena!

Prometti não gastar com o theatro uma só linha, sobretudo quando o theatro me não inspirasse alguma coisa que lhe fosse lisongeiro.

Excepção do *Athenéo*, os theatros nada offerecem de interesse.

Em compensação ahi temos o Passeio Publico, onde, no domingo, teve lugar um spectaculo menos agradavel. Como elle se deu, já o sabem os leitores, que naturalmente leram os tres mexiriqueiros diarios, encarregados de espalliar o que se passa, e ás vezes o que se não passa tambem.

Julgo ocioso dizer que o Passeio faz honra ao talento architectonico que dirigiu os respectivos retoques. Todas as proporções foram religiosamente guardadas! Palavra de honra! Semetria até ali!

Mas não vejo motivo para se premiar ninguem pendurando-se-lhe ao nariz um tremendo peixe-boi. Oh!... isto não é coisa que se faça!... Tanto mais quanto ... Nada, paro aqui.

SOTERO DE CASTRO.



# O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

Collaborado por varios escriptores brasileiros e portuguezes.

Em todos os numeros (ou pelo menos em um de cada mēz) se dará uma gravura.  
Afiança-se a publicação por um anno, e não se recebem assignaturas por menor prazo.

---

## Condições da Assignatura.

Para a Córte 15\$000 — Para fóra da Córte e provincias — 17\$000.

O pagamento será feito depois da entrega do 1.º numero.

Assigna-se no Escriptorio da Redacção, Rua do Ouvidor n. 46, 1.º andar, onde deve ser dirigida toda a correspondencia relativa ao periodico.

---

## São correspondentes

Os Snrs:

Cárlina & C.<sup>a</sup>  
Cunha Irmãos & C.<sup>a</sup>  
Luiz Augusto de Oliveira  
Joaquim Baptista Moreira  
Silva & Costa  
Francisco Luiz Ribeiro.  
Joaquim Alves Leite  
J. J. de S. Ayam Martins  
Felisardo Toscano de Brito  
José Gonçalves Guimarães  
A. L. Garraux  
Henrique Xavier de Novaes

Bahia.  
Pernambuco.  
Maranhão.  
Pará.  
Rio Grande do Sul.  
Pelotas.  
Porto-Alegre.  
Santos.  
Parahyba do Norte.  
Maceió.  
S. Paulo.  
Vassouras.